

EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA!

DR. VICTOR JOSÉ MACHADO DE OLIVEIRA

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação
Física da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES
Professor da Prefeitura Municipal de Serra/ES

DR. IVAN MARCELO GOMES

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade
Federal de Santa Catarina/UFSC
Professor do Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

DR. VALTER BRACHT

Doutor pela Universidade de Oldenburg/Alemanha
Professor do Centro de Educação Física e Desportos
da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

Resumen | Este texto é fruto parcial de um estudo de dissertação (mestrado) que investigou as práticas pedagógicas relacionadas ao tema da saúde na Educação Física (EF) escolar. Neste estudo, nos apropriamos da proposta dos alemães Kottmann & Küpper (1999) orientada pelo conceito de educação para a saúde (*Gesundheitserziehung*). Entendemos que tal proposta se apresenta como modelo alternativo de superação de abordagens que tratam a saúde de forma restrita (ou seja, orientada na biologia). Problematicamos essa proposta tanto na sua dimensão discursiva quanto nas suas implicações para a prática pedagógica da EF escolar. Isso se deve ao fato de que, apesar de sua proficuidade, dado o cenário cognitivo contemporâneo onde

1. A presente investigação recebeu auxílio financeiro (modalidade bolsa de mestrado) da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).

transitam novos modelos e entendimentos de corpo e de saúde, se coloca a necessidade de uma revisão crítica da proposta.

Palabras-clave | Educação para a saúde; Educação Física Escolar; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Na constituição da Educação Física (EF) brasileira, a saúde sempre desempenhou um papel muito importante, contudo, predominou nesse contexto um determinado “tipo” de saúde: o da biologia (CARVALHO, 2005). Esse entendimento está atrelado à lógica biomédica e tem orientado tanto a produção de conhecimento como a prática de intervenção da área – em escolas, clubes, academias, etc. Essa concepção de saúde, orientada estritamente em princípios biológicos, tem limitado a compreensão e desenvolvimento de ações que atendam a integralidade do ser humano (CARVALHO, 2005).

Com relação à EF escolar especificamente, o tema saúde sempre esteve presente, seja como objeto/objetivo principal ou secundário. Recentemente, a visão hegemônica que entendia a saúde como uma questão relacionada à ausência de doenças e práticas curativas vem sofrendo um deslocamento para ganhar um sentido ampliado² (OLIVEIRA, 2004). Apesar desse deslocamento no plano conceitual, parece haver um descompasso em relação à ampliação do conceito de saúde o que se expressa no fato de muitos professores de EF ainda atuarem segundo a tradição e postulados biomédicos (MEZZARROBA, 2012; DEVIDE, 2003). Uma das razões para isso pode ser a hegemonia do entendimento de saúde ancorado ou associado ao conceito de atividade física.

Sobre a questão do debate da saúde na EF, Knuth, Azevedo & Rigo (2007, p. 76) afirmam que:

2. A saúde deixa de ser pensada apenas na esfera (restrita) biofisiológica para que as questões culturais e sociais possam ganhar espaço nas discussões (ampliadas) sobre questões da vida.

Muitas vezes, a saúde debatida no espectro da Educação Física se fragiliza em função da limitação teórica de sua compreensão; é mais promissor, entretanto, procurar atenuar essa barreira, do que se limitar a crítica. Enxergar as limitações não pode ser um entrave para a prática, e sim um impulso no sentido de propor avanços.

Mesmo que seja realizada uma “crítica” (no âmbito do discurso) à concepção restrita de saúde, se isso não tiver um impacto inovador nas práticas pedagógicas cotidianas não será capaz de afetar a agenda estabelecida pela representação hegemônica da concepção de saúde construída no seio da EF – que orienta a construção de discursos e práticas. Compreendemos que a crítica deve ser seguida das práticas inovadoras (e vice-versa), uma vez que ambas devem estar presentes na mudança dos cenários em que as concepções e práticas de saúde são construídas. Aqui, no nosso caso, nos espaços institucionais da escola e universidade.

Como modelo alternativo, que busca superar o trato restrito (biológico) do tema da saúde nas aulas de EF, encontramos a proposta pedagógica dos alemães Kottmann & Küpper (1999) orientada pelo conceito de *educação para a saúde* (Gesundheitserziehung³). No entanto, em vista dos argumentos postos anteriormente, o presente texto objetiva problematizar esse conceito tanto no plano do discurso quanto no da prática pedagógica da EF escolar. Compreendemos que esse esforço possibilitará reflexões sobre o trato contemporâneo que recebe o trabalho direcionado à saúde na escola e, principalmente, na EF escolar.

Abordar as ações (pedagógicas) relacionadas à saúde na escola, especificamente, a partir da EF escolar, é uma perspectiva que se coloca promissora. Na sequência passamos a apresentar e refletir sobre tal proposta de modo a forjar ferramentas para ulterior construção de ações em que uma educação para a saúde se materialize nas práticas cotidianas de professores de EF.

3. A tradução de Gesundheitserziehung como *educação para a saúde* embora não corresponda completamente à expressão em alemão, em função da possibilidade nessa língua de “colar” numa palavra dois substantivos (Gesundheit: saúde; Erziehung: educação), é o que mais se aproxima da intenção de relacionar as esferas da educação e da saúde. Não fazem juz à expressão, nem a tradução como Educação Saudável, nem como Educação e Saúde.

A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE (GESUNDHEITSERZIEHUNG)

Na perspectiva da educação para a saúde (EpS), Kottmann & Küpper (1999) indicam que, no plano da prática, um pré-requisito essencial constitui permitir, no processo educativo, às crianças e jovens realizar experiências positivas⁴ no campo do movimento, jogo e esporte como fundamento da inclinação para uma atividade de movimento durável (permanente) e desenvolverem a capacidade de movimentar-se de tal modo que tais atividades sejam fomentadoras de saúde e bem-estar.

Tais experiências se efetivam, principalmente, quando as práticas corporais são oferecidas de forma ampla, contemplando a diversidade de suas dimensões de sentido: sociabilidade e comunicação, experiência corporal e vivência da natureza, tensão e aventura, assim como experiências de conseguir fazer – de obter sucesso na realização. Se conseguirmos que os alunos tenham experiências significativas no movimentar-se como um campo de ação que enriqueça suas vidas e forneçam a elas um sentido, não estaremos apenas preenchendo um requisito fundamental para uma influência educativa, mas, também, alcançando um fundamento básico para a saúde (KOTTMANN; KÜPPER, 1999).

Para tanto, os alunos necessitam de competências relevantes para a saúde que precisam ser construídas na EF escolar. Uma proposta adequada de EpS deve estar orientada para o desenvolvimento de competências que levem os alunos a agirem de forma responsável e coerente em relação à saúde. Ainda mais, os objetivos nessa perspectiva devem ser deslocados de uma EF tradicional que se centra no esporte e em seus fins (ou seja, os resultados) para privilegiar antes os processos de trabalho (KOTTMANN; KÜPPER, 1999).

Kottmann & Küpper (1999) argumentam que o desenvolvimento de competências relevantes para a saúde, solicita a tomada de decisões com relação à precisão de objetivos que tematizem as inter-relações funcionais entre *movimento* e *saúde* nos aspectos corporal, espiritual/

4. Trata-se de vivências prazerosas e de sucesso (de poder realizar) obtidas através do movimentar-se, que se prolonguem no tempo e confirmam algo de significativo à vida dos alunos.

mental (*seelisch*), social e ecológico. Considerando a concepção ampla (*ganzheitlich*) de saúde os autores apresentam objetivos que podem ser construídos nos planos *peçoal-individual, social e ecológico* (quadro 1).

Quadro 1 – Objetivos relativos às competências relevantes para a saúde nos planos: pessoal-individual, social e ecológico.

Plano Pessoal-Individual
<p>Objetivo Geral Os alunos e alunas devem perceber, vivenciar e compreender as reações dos seus próprios corpos e suas afecções psíquicas quando em movimento.</p>
<p>Objetivos específicos Alunos e alunas devem, entre outros, vivenciar (experenciar) e compreender:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que existe uma relação entre a intensidade do movimento e as reações fisiológicas do sistema orgânico; • Quais relações existem entre as ações do movimentar-se erradas ou muito intensivas e correspondentes reações fisiológicas (dor, cãibra, dor muscular, lesões); • Como é possível dosar adequadamente os esforços; • Como é possível evitar os perigos de contusões nas práticas corporais; • Qual o significado do aquecimento para a prontidão do organismo; • Que e como o movimento repercute no estado psíquico.
<p>Questões norteadoras Aqui se trata, por exemplo, de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Soltura – tensão – distensão – relaxamento; • Frescor – cansaço – esgotamento – recuperação; • Força – fraqueza; • Pulso basal – pulso inicial – pulso no esforço – frequência de pulso na recuperação; • Respiração calma – respiração funda – respiração ofegante; • Aquecer – suar – esfriar – congelar; • Coordenação correta – coordenação dificultada – coordenação deficiente – coordenação prejudicada; • Dor (no baço, cãibra, sobre-esforço, contusão); • Alegria – tristeza – raiva – ódio; • Calma – equilíbrio – estresse; • Falta de vontade – vitalidade – hiperatividade; • Satisfação – insatisfação – desilusão – resignação; • Arrogância – confiança – timidez – medo.

Continua

Plano Social
<p>Objetivo geral Os alunos e alunas devem perceber, vivenciar e compreender as inter-relações sociais das ações de movimento com seus possíveis significados para o bem estar de todos os participantes.</p>
<p>Objetivos específicos Alunos e alunas devem, entre outros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer a experiência de ações coletivas no jogo e no esporte que sempre solicitam, também, a integração de cada um, onde todos devem sentir-se bem; • Entrar em acordo com outros para que diferentes necessidades possam ser equilibradas; • Poder relativizar o significado de ganhar e perder no jogo; • Poder testar suas próprias ideias de jogo, de mudança de regras, vivenciar e compreender suas repercussões sobre o bem estar de todos; • Poder avaliar corretamente os perigos presentes nas práticas corporais coletivas e extrair daí consequências adequadas.
<p>Questões norteadoras Aqui se trata principalmente do significado de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Inclusão social – exclusão social; • Reconhecimento – indiferença – rejeição; • Com outros – ao lado de outros – contra outros; • Critérios de validade individuais – critérios de validade sociais; • Tolerância – intolerância; • Jogo limpo – jogo sujo; • Assistência – prontidão para ajudar – cuidado – descuido – colocar em perigo.
Plano Ecológico
<p>Objetivo geral Os alunos e alunas devem perceber, vivenciar e compreender o seu meio ambiente como condição importante para o movimento, jogos de movimento e esporte relacionado à saúde.</p>
<p>Objetivos específicos Alunos e alunas devem, entre outros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vivenciar e refletir sobre as diferenças do movimentar-se em espaços fechados e abertos; • Indagar e utilizar as condições e as possibilidades do movimentar-se e do jogar no espaço escolar e da moradia, ou, • Poder avaliar as possibilidades de movimento no meio ambiente sob a perspectiva da saúde como problemáticas ou então positivas.

Continua

Plano Ecológico

Questões norteadoras

Aqui se trata principalmente das oportunidades e limitações para o movimentar-se:

- Em diferentes espaços de movimento;
- Sob diferentes condições climáticas;
- Em diferentes condições de afecção do meio ambiente;
- Na responsabilidade para com uma relação cuidadosa com o meio ambiente;
- Considerando critérios de segurança já presentes ou elaborados autonomamente.

Fonte: Kottmann & Küpper (1999)

Vale ressaltar que esses objetivos não são determinados *a priori*, estando suscetíveis a alterações e/ou modificações e que sua construção depende do contexto. Nesse sentido, na sequência abordamos alguns outros elementos que podem se vincular a uma EpS a fim de orientar novos objetivos.

REFLEXÕES ACERCA DA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE NA/PARA A EF ESCOLAR

Na perspectiva de Kottmann & Küpper (1999), identificamos que a adesão às práticas corporais não está restringida unicamente às aulas de EF. Assim, somente construir essas competências no âmbito escolar não garante que estejam finalizados os esforços de uma EpS de longo prazo, que leve a ações regulares e adequadas à saúde. Se a intenção é garantir o desenvolvimento de uma postura e hábitos, assim como uma integração com o movimentar-se na vida cotidiana, então devem ser dadas oportunidades na EF escolar de transferência dessas competências obtidas em situações para além das aulas (KOTTMANN; KÜPPER, 1999).

As oportunidades oferecidas aos alunos de testar o agir responsável⁵ e adequado sobre a saúde correlacionam-se à sua participação ativa ao

5. O agir responsável se relaciona às possibilidades de aplicação das competências adquiridas nas aulas de EF e, também, na reflexão sobre essas experiências. Aqui se perspectiva a autonomia e o protagonismo dos alunos no campo do movimentar-se.

construir situações de movimento pertinentes à saúde durante as aulas de EF. Essa intenção se liga ao incentivo para que eles extrapolarem as ações referentes a este tempo-espaço. Por exemplo, quando lideram voluntariamente comunidades esportivas escolares (ou comunidades relacionadas a outras possibilidades das práticas corporais) com temas relevantes para a saúde, ou então, organizam práticas corporais saudáveis para/com os colegas (festivais escolares, competições anuais, encontros de caminhadas e corridas em torno da escola, etc.) (KOTTMANN; KÜPPER, 1999).

Essa perspectiva possibilita aos alunos construir sentidos e significados, pessoais e coletivos, positivos no campo do movimentar-se, ao mesmo tempo em que agregam essas experiências aos seus projetos de vida (que se constitui na busca pelo bem-estar). A partir dessas oportunidades, adquirem segurança em espaços de ação conhecidos, podem refletir sobre essas experiências, e, assim, podem ser motivados a utilizar as competências adquiridas também no plano da vida cotidiana (KOTTMANN; KÜPPER, 1999).

Porém, ao adentrarmos na perspectiva da “adesão permanente” com o campo do movimentar-se (KOTTMANN; KÜPPER, 1999), encontramos em Bauman (2001) um possível diálogo sobre as relações de “permanência” no mundo contemporâneo. Destarte, pergunta-se: como se daria essa adesão *permanente* num tempo que Bauman (2001) referencia pela metáfora da liquidez⁶?

A modernidade líquida indica que seus “moradores” necessitam estar aptos a experimentarem (sempre) novas sensações dispostas nas prateleiras do mercado de consumo. O grande problema é que essas sensações são obtidas, mormente, de forma superficial. A arte de educar os homens para essa nova conjuntura social (da modernidade líquida)

6. Bauman (2001) faz uma distinção entre dois períodos da modernidade. No primeiro, também conhecido como Modernidade Clássica, se busca a solidez nas relações, principalmente, baseadas na produção (*ética do trabalho*). O segundo, Modernidade Líquida, se configura num tempo em que as relações sociais não conseguem manter sua forma por muito tempo (daí a ideia de liquidez); a ética do trabalho vai paulatinamente sendo substituída pela estética do consumo.

perpassaria, no caso da EpS, pela construção de experiências corporais significativas e que produzam sentidos para seus praticantes.

Uma EpS nas aulas de EF deve levar em consideração essa conjuntura contemporânea, uma vez que ela tem influenciado mais e mais os “moradores” líquido-modernos a consumirem, no âmbito privado, as práticas corporais com a aposta (em muitos casos, num prisma de panaceia) do melhoramento do condicionamento físico e da aparência – algo vinculado à lógica do *autoaperfeiçoamento* (BAUMAN, 2013) vista, cada vez mais, como saúde. Nesse sentido, as ações orientadas na perspectiva de EpS de Kottmann & Küpper (1999) nos parecem ser uma alternativa de trabalho frente à demanda moderna do *autoaperfeiçoamento*, quando, por exemplo, os alunos são levados a compreenderem (os limites de) seus corpos e “dosarem” suas experiências no campo das práticas corporais.

A lógica do *autoaperfeiçoamento* coaduna com a ideia da construção de um corpo flexível e apto a desfrutar as sensações (das mercadorias) e buscar, constantemente, se (re)adaptar à conjuntura (de consumo) criada diariamente, o que levaria a obtenção de um estilo de vida saudável – relacionado à qualidade de vida. A vida líquido-moderna “gera modelos corporais e de saúde constantemente reelaborados” (BRACHT; GOMES; ALMEIDA, 2013, p. 118-119). Destarte, é crescente o movimento nas escolas em que os alunos e alunas estão cada vez mais preocupados com os prazeres e a estética corporal (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007).

Questões como as acima especificadas, na esteira de Bauman (2001), levantam a necessidade de se levar em consideração, em uma proposta de EpS, as questões da *estética corporal* e o *consumo* desenfreado de sensações postos no cotidiano dos educandos na modernidade líquida. Isto porque, no caso da EF, “atitudes irresponsáveis de promessas fáceis têm levado a um quadro assustador de problemas como o uso abusivo do Doping, distúrbios como anorexia, bulimia, vigorexia, permarexia (obsessão por dieta), lipofobia (fobia a gordura), ortorexia (obsessão por alimentos saudáveis), manifestação de uma cultura paradoxal que normaliza o narcisismo e ao mesmo tempo gera uma inconformidade patológica consigo mesma” (FENSTERSEIFER; SILVA, 2008, p. 57).

Visto os argumentos de Kottmann & Küpper (1999), essas “promessas fáceis” não se articulam com uma proposta de EpS, pois apresentam: (a) uma educação falha (meramente informativa) e (b) o aumento de um quadro patológico. Verifica-se a necessidade da presença de um professor de EF capaz de articular e mediar questões atuais de modo a proporcionar elementos na construção de fundamentos para a saúde.

Exemplos práticos de mediação foram elencados no estudo de Oliveira, Martins & Bracht (no prelo). A partir de uma pesquisa-ação, foram construídos e aplicados projetos relacionados à EpS. Questões como a mudança nas relações estabelecidas com os jogos escolares (do cuidado de si e do outro), evidenciaram a construção de espaços saudáveis para os relacionamentos na escola. Outro ponto abordado foi a inclusão como potencial geradora de EpS para pessoas com deficiência. Aqui nota-se a ampliação do espectro que a saúde ganha, evidenciando uma possibilidade de ressignificação na/a partir da EF escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de EpS mostra-se profícua por se tratar de algo que está para além de uma “aula de saúde” ou da “aquisição de saúde”, diga-se de passagem, biológica, para os (corpos dos) alunos. Nesse aspecto, a proposta de Kottmann & Küpper (1999) supera a visão tradicional de saúde da EF ao propor uma abordagem que a tematize de forma ampliada. Vale, no entanto ressaltar, que não se trata de descartar a sua dimensão biológica, mas, sim, de ressignificá-la pedagogicamente – tendo outros elementos onde o biológico seja encarado como uma das várias esferas (da vida) a ser trabalhada.

Identificamos a necessidade de reinterpretar essa proposta em um cenário cognitivo denominado de modernidade líquida, onde predomina a ideia de construção de um corpo flexível e a noção de aptidão vinculada às possibilidades infindas de obtenção de prazeres. Emerge, nesse sentido, a necessidade de incluir/tematizar questões referentes à estética corporal e ao consumo desenfreado de sensações postas pelo mercado de consumo, o que em um sentido ampliado torna-se questão de saúde.

Apostamos em uma EpS como uma das possíveis ferramentas a ser elencada na educação em um contexto saturado de informações referentes ao (ideal de) corpo e (de) saúde. Percebemos que, para a EF, esse processo tem início na possibilidade dos alunos terem experiências positivas (de conseguir realizar) no campo do movimentar-se e, dessa forma, poderem ter a opção de escolha (através do aprendizado) sobre obter consequências desejáveis para sua saúde, bem como, a evitar as indesejadas (reflexividade). Isso nos dá a certeza, mesmo que momentânea, de que a saúde é para a EF, antes de tudo, uma questão pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- BRACHT, V.; GOMES, I. M.; ALMEIDA, F. Q. Do corpo produtivo ao corpo consumidor: a educação física na modernidade líquida. In: VAREA, V.; GALAK, E. (Org.). **Cuerpo y educación física: perspectivas latinoamericanas para pensar la educación de los cuerpos**. Buenos Aires: Biblos, 2013, p. 103-125.
- CARVALHO, Y. M. Entre o biológico e o social. Tensões no debate teórico acerca da saúde na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XVII, n. 24, p. 97-105, jun 2005.
- DEVIDE, F. P. Educação Física escolar como via de educação para a saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. vol. 1. Blumenau: Edibes, 2003, p. 137-150.
- FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, S. P. Qualidade de vida e educação física: conhecimento e intervenção crítica na sociedade de consumo. **Caderno de Educação Física** (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, v. 7, n. 12, p. 55-58, jan/jun 2008.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.
- KNUTH, A. G.; AZEVEDO, M. R.; RIGO, L. C. A inserção de temas transversais em saúde nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 73-78, set/dez 2007.

KOTTMANN, L.; KÜPPER, D. Gesundheitserziehung. In: GÜNZEL, W.; LAGING, R. (Hersg.) (Band I). **Neurs Taschenbuch des Sportunterrichts; Grundlagen und pädagogisches Orientierungen**. Baltmannsweliler: Schneider-Verl. Hohengehren. 1999, p. 235-252.

MEZZAROBA, C. Saúde na Educação Física: compreensões, reflexões e perspectivas a partir de um conceito amplo e social de saúde. In: DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R.; ZOBOLI, F. (Org.). **Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes**. vol. 5. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2012, p. 25-42.

OLIVEIRA, A. A. B. O tema saúde na Educação Física escolar: uma visão patogênica ou salutogênica? In: KUNZ, E.; HILDEBRANDT-STRAMANN, R. (Org.). **Intercâmbios científicos internacionais em Educação Física e esportes**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 241-259.

OLIVEIRA, V. J. M.; MARTINS, I. R.; BRACHT, V. Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades! **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, (no prelo).

Recebido: 25 novembro 2014

Aprovado: 07 abril 2015

Endereço para correspondência:

Victor José Machado de Oliveira

Décima Avenida, 06

Nova América

Vila Velha – ES

CEP: 29111-760

oliveiravjm@gmail.com